

# Publicações científicas em revistas predatórias: indo além do óbvio

Editorial

Publicaciones científicas en revistas depredadoras: más allá de lo obvio

Scientific publications in predatory journals: going beyond the obvious

Anderson Fernando de Souza<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0001-8066-4787>  
Abelino Anacleto de Souza Junior<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-1503-1593>  
André Luis do Valle De Zoppa<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-9852-4843>

<sup>1</sup> Departamento de Cirurgia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo. Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, Butantã, São Paulo, Brasil.

Autor para correspondência: [anderson.fs@usp.br](mailto:anderson.fs@usp.br)

<sup>2</sup> Pesquisador independente. Água Verde, Blumenau, Brasil.

Veterinaria (Montevideo) Volumen 60  
Nº 221 (2024 Ene - Jun) e20246022106



10.29155/VET.60.221.6

Recibido: 13/09/2023

Acceptado: 22/12/2023

Todo pesquisador, mesmo estando nas primeiras etapas de sua carreira (leia-se iniciação científica), muito provavelmente já recebeu os tão falados e-mails de revistas, convidando para publicação rápida e simplificada de artigos científicos, mediante uma taxa de publicação. E pelo menos uma vez cogitou enviar algum manuscrito encalhado, caso não tenha o feito. Oras, o pesquisador tem dedicado horas de trabalho naquele manuscrito, talvez tenha recebido diversos pareceres negativos nas submissões prévias, talvez essa seja uma opção razoável para não engavetar esses dados?

Após ler alguns e-mails e discutir sobre isso com colegas, ele se depara com o termo “revistas predatórias”. Esse termo tem sido atribuído a periódicos científicos com processo de revisão duvidoso e que a publicação está (praticamente) apenas atrelada ao pagamento de uma taxa de publicação. Se fizermos uma busca no Google por esse termo (em português), teremos mais de 47 mil resultados entre artigos científicos e matérias de sites, descrevendo como esse mercado de venda de DOIs acontece. Não faltam relatos de pessoas que fizeram testes, enviando textos absurdos (Martin y Martin, 2016), com autoria de personagens de filmes ou desenhos animados (Stromberg, 2014) e obtendo o aceite em pouco tempo junto com a solicitação do pagamento de uma taxa. As opiniões parecem unânimes quanto ao culpado, a pressão pela publicação, quem tem sido nomeada de “publique ou pereça”. Mas será mesmo? Os autores que aderem a isso são vítimas ou cúmplices? Tais publicações tem impacto significativo na construção do conhecimento? Salvo exceções, tais artigos são

realmente inúteis ou carregados de informações falsas? Será que não estamos retrocedendo na construção do nosso conhecimento?

É fato que a publicação científica é um alvo comercial há muito tempo de grandes editoras, como a Elsevier, Wiley e Springer Nature por exemplo, que detêm as revistas científicas mais prestigiadas do mundo em todas as áreas, compostas por editores renomados e alto escrutínio. Para aqueles autores que conseguem vencer o processo de revisão por pares, lhes são dadas duas opções: pagamento de uma taxa de publicação, geralmente de alguns milhares de “dólares” para disponibilização em acesso aberto, ou transferir os direitos do texto para a editora a qual disponibilizará apenas aos assinantes da revista. Isso causa incômodo e indignação geralmente ao jovem cientista, mas logo ele se acostuma com o processo por perceber que isso tem sido aceito por seus pares mais experientes.

Tem sido comum essas mesmas editoras lançarem novos títulos de periódicos exclusivamente de acesso aberto, muitas vezes com o mesmo nome de uma revista famosa, adicionando apenas a palavra “open” ao final. Isso parece uma forma de reter os artigos que não foram “bons o suficiente” para a revista principal, mas que podem ser publicados mediante pagamento. Ou ainda novas editoras dedicadas apenas a organização de revistas científicas exclusivamente de acesso aberto com altas taxas de publicação. Exemplos disso são a MDPI Journals e a Frontiers. Essas editoras parecem ser altamente especializadas no mercado editorial, pois oferecem revistas com altos fatores de impacto, rápido processo de revisão e publicação praticamente imediata. Por exemplo a MDPI Journals tem algo em torno de 390 periódicos, publicou apenas em 2023 (até o dia 29 de agosto, 240 dias corridos) 205.488 artigos, em média 856 artigos por dia, com uma taxa de publicação por artigo em torno de dois mil francos suíços, gerando uma receita de mais de nove milhões de reais por dia! Me parece razoável pensar que tais cenários se caracterizam por “revistas predatórias profissionais”, que apenas por seguirem as premissas de ter uma comissão editorial e um processo de avaliação por pares aceitáveis, passam despercebidas aos olhares indignados dos opositores das “revistas predatórias convencionais”.

No Brasil, existem casos de editoras científicas que publicam um grande volume de artigos e livros. Por exemplo, uma delas registrou mais de 80 mil páginas de artigos em um único ano, com trabalhos que costumam ter entre 10 e 15 páginas cada. Cobrando uma taxa de publicação por artigo, o faturamento anual pode chegar a milhões de reais.

Há também editoras que publicam livros compostos por artigos científicos de uma mesma área, mas sem relação direta entre eles. Ou ainda expandem suas operações para revistas científicas, acumulando milhares de publicações em poucos anos. Nesses casos, os custos são geralmente cobertos pelos próprios autores.

Obviamente há custos associados ao processo de publicação científica, seja com funcionários, material de escritório, servidores para hospedagem dos arquivos por longos

períodos, indexação, editoração entre outros, mas que não são, nem de longe compatíveis com as taxas cobradas (Van Noorden, 2013). Vale ainda destacar que os revisores, os personagens mais importantes no processo de publicação científica, que dão a credibilidade ao processo, realizam seu trabalho totalmente de forma voluntária na grande maioria das vezes, com exceção de algumas revistas que lhes oferecem descontos na taxa de publicação, se eles quiserem submeter artigos para as revistas delas. Tudo isso deixa claro o intuito de obtenção de lucro, travestido de “acesso aberto”.

Existe alguma saída para o pesquisador que busque divulgar os dados de suas pesquisas sem querer fazer parte - como vítima desembolsando altas quantias - de todo esse cenário? Temos um número grande de revistas científicas que são mantidas por universidades ou centros de pesquisas, que não tem taxas de publicação, ou os valores são compatíveis com os gastos operacionais e tem processo confiável de revisão por pares. Entretanto, geralmente não apresentam grandes métricas de desempenho. Caso os autores passassem a optar por elas e um número maior de artigos de alto impacto forem publicados nelas, é uma questão de tempo para que as boas métricas migrem das revistas predatórias profissionais.

Se os leitores lapidarem dentre as publicações em “revistas predatórias”, provavelmente irão se deparar com artigos completamente inúteis, mas também outros bem interessantes. Por coincidência, o mesmo acontece caso feito em revistas de alto impacto. Mas também temos que ressaltar, que no final sempre o responsável pelo que está contido nos artigos são os próprios autores, e a revista é apenas um meio para divulgação do trabalho. De encontro a tudo isso, não podemos deixar de considerar que os nós leitores somos os responsáveis por decidir se iremos ou não aceitar as informações que estão contidos nos artigos que lemos, seja qual for a sua origem.

Em resumo, as publicações científicas em revistas predatórias permeiam o ambiente acadêmico de diferentes formas e dificilmente será possível precisamente identificar e coibir todas elas. Talvez isso nem seja necessário. Os autores têm o poder de decidir o que eles irão publicar e quais informações eles irão aceitar das publicações de outros autores, independente do título do periódico.

Declaração de conflitos de interesse:

Os autores não possuem conflitos de interesse a declarar.

## Referencias

- Martin, A., y Martin, T. (2016). A not-so-harmless experiment in predatory open access publishing. *Learned Publishing*, 29(4), 301-305. <https://doi.org/10.1002/leap.1060>.
- Stromberg, J. (2014). A paper by Maggie Simpson and Edna Krabappel was accepted by two scientific journals. *Vox*. Recuperado de <https://www.vox.com/2014/12/7/7339587/simpsons-science-paper>

Van Noorden, R. (2013). Open access: The true cost of science publishing. *Nature*, 495(7442), 426-9. <https://doi.org/10.1038/495426a>

### Contribuição dos autores

Anderson Fernando de Souza, concepção da ideia, busca bibliográfica e escrita do manuscrito. Abelino Anacleto de Souza Junior e André Luis do Valle De Zoppa: revisão crítica do manuscrito. Todos os autores aprovaram a versão final do artigo.

### Nota del editor

La editora Cecilia Cajarville aprobó este artículo.

### Rectificación

A solicitud del primer autor, se rectificaron los párrafos quinto y sexto.

### Retificação

Por solicitação do primeiro autor, os parágrafos quinto e sexto foram retificados.